

O discurso digital reportado em uma perspectiva enunciativa benvenistiana no ecossistema *Twitter* (X)

The reported discourse from a Benvenistian enunciative perspective in the Twitter ecosystem (X)

Eduardo Paré Glück  

eduardogluck@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Alena Ciulla  

alenacs@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo

Este artigo visa analisar como algumas formas de heterogeneidade marcada, especialmente o discurso reportado no ambiente digital, passam a integrar os recursos de que os falantes dispõem para se comunicar e possibilitam a interação por meio de textos nesses ambientes. Para isso, investigamos o discurso reportado no ecossistema *Twitter* (X) em um tuíte feito pela conta da Folha de S. Paulo (@folha). Por uma perspectiva da Linguística Textual, a discussão é feita a partir de hipóteses e metodologias da Análise do Discurso Digital, da reflexão de Authier-Revuz e da teoria de Benveniste. De caráter qualitativo, a análise consistiu nas seguintes etapas: (i) descrição dos tuítes dos dados gerados; (ii) observância da incidência de elemento clicável a partir da deslinearização enunciativa; (iii) identificação dos recursos e elementos languageiros; e (iv) conclusão a partir do que observamos. A análise evidenciou que o aparelho formal da língua incorpora os recursos tecnológicos para dar conta de funções enunciativas e textuais. Essa composicionalidade do texto é construída por linguagem multissemiótica, em que incluímos a tecnologia digital e sempre considerando a interação entre os participantes. Concluímos, no que diz respeito ao aparelho formal da enunciação no ambiente digital, que há formas específicas de realizar a alocação. O eu e o tu encontram representação em recursos como o arroba e *hyperlinks*.

Palavras-chave

Representação do Discurso Outro. Discurso Reportado. Texto Digital. Textualidade. Quadro Enunciativo.

Abstract


This article aims to analyze how some forms of marked heterogeneity, especially the reported discourse in the digital environment, begin to integrate the resources that speakers have to communicate and enable interaction through texts in these environments. We investigated the reported discourse in the *Twitter* (X) ecosystem in a tweet made by the Folha de S. Paulo's account (@folha). From a Textual Linguistics perspective, the discussion is based on hypotheses and methodologies of Digital Discourse Analysis, on Authier-Revuz's reflections and on

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 20/08/2024

Aprovação do trabalho: 01/03/2025

Publicação do trabalho: 04/07/2025

 10.46230/lef.v17i2.13786

COMO CITAR

GLÜCK, Eduardo Paré; CIULLA, Alena. O discurso digital reportado em uma perspectiva enunciativa benvenistiana no ecossistema *Twitter* (X). **Revista Linguagem em Foco**, v.17, n.2, 2025. p. 30-48. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/13786>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

Benveniste's theory. Qualitative in nature, the analysis consisted of the following steps: (i) description of the data generated by the tweets; (ii) compliance with the incidence of clickable elements based on enunciative non-linear reading; (iii) identification of language resources and elements; and (iv) conclusions on what we could observe. The analysis highlights that the formal apparatus of enunciation incorporates technological resources to handle enunciative and textual functions. This compositionality is constructed by multisemiotic language, including digital technology and always considering the participants interaction. We conclude that regarding the formal apparatus of enunciation, in the digital environment, there are specific ways of carrying out the discourse. The I and the you find representation in resources such as @ and hyperlinks.

Keywords

Representation of Another Discourse. Reported Discourse. Digital Text. Textuality. Enunciative Framework.

Introdução

Desde 1990, a linguista francesa Jacqueline Authier-Revuz se debruça sobre o discurso reportado, no âmbito das heterogeneidades enunciativas, nos mais diversos gêneros pré-digitais (Authier-Revuz, 1990; 2001; 2004). Contudo, com o advento da *internet*, novas epistemes surgiram, com o intuito de investigar fenômenos endêmicos ao contexto digital, incluindo-se aí o discurso reportado. Para Paveau (2014; 2021), por exemplo, essa necessidade surge, pois “os discursos digitais nativos não são de ordem puramente languageira” (Paveau, 2021, p. 1), mas são da ordem do que a autora chama de “tecnolinguageira”. A pesquisa de Glück (2024) corrobora a ideia de que os discursos produzidos on-line se coconstituem de linguagem e de tecnologia, em um compósito. Com base nas pesquisas de Paveau (2014; 2021), e levando em consideração as de Authier-Revuz (1990; 2001; 2004), Glück (2024), em sua tese de doutorado, investigou esse fenômeno no ecossistema *Twitter (X)*, analisando a forma de trazer o outro no discurso, em diferentes divulgadores científicos brasileiros. No entanto, nem Paveau (2021) nem Glück (2024)¹ aprofundam a questão enunciativa no que concerne ao discurso reportado dos textos produzidos no ambiente digital.

A começar pela diferença entre o “puramente languageiro” e o “tecnolinguageiro”, é preciso ir mais fundo. Em primeiro lugar, o tratamento dos textos pré-digitais também não se detém apenas e estritamente ao verbal, mas, conforme a abordagem da Linguística Textual que adotamos aqui, “pressupõe a integração de um conjunto de aspectos que respondem por sua coerência em contexto” (Cavalcante et al. 2022, p.15). Em nossa perspectiva, aqui, “languageiro” é

1 Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de Pós-Doutorado de Eduardo Glück, sob supervisão de Alena Ciulla, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.

qualidade de todo recurso envolvido na comunicação humana, que tem a língua em seu centro. Em segundo lugar, antes do advento do digital, já tivemos vários outros adventos tecnológicos que alteraram a comunicação humana, como a escrita, o telégrafo, o rádio, o telefone, a televisão etc. Assim, “tecnolinguageiro” não seria um termo adequado para designar apenas o que ocorre no ambiente digital. Por fim, quando se usa termos como “tecnolinguageiro” e “tecnodiscurso”, por exemplo, ao mesmo tempo postula-se um “linguageiro” e um “discurso” que são de uma outra ordem, a do tecno(lógico) – o que, a nosso ver, não se verifica. Conforme nossos pressupostos sobre a linguagem, em grande parte pautados por Benveniste (2005 [1966]; 2006 [1974]), e as projeções que podemos fazer ao observar os fenômenos textuais, a partir da perspectiva da Linguística Textual que adotamos, notamos que, com as tecnologias (da escrita, do rádio, da *internet* etc.) e outras mudanças sociais e culturais, as interações comunicativas também vão mudando, fazendo com que os recursos comunicativos que as línguas dispõem sejam também modificados, adaptados e ampliados. Criamos e recriamos constantemente, a partir da língua, formas de nos apresentar – e os nossos pontos de vista – e de simbolizar o mundo. Mas é sempre a linguagem humana, não se trata de “outro linguístico” e nem de “outro discurso”. Muito menos essas mudanças se reduzem ao “tecno” e nem separam o linguístico, o texto e o discurso como fenômenos à parte.

É por esse viés, então, que fica para nós evidente, como para Ciulla, Cortez, Silva, Pinto (2022, p. 2) que “as categorias linguísticas tradicionalmente estudadas pelas abordagens textuais e discursivas merecem ser re(atualizadas) em função de um conceito de textualidade mais amplo”, pois, de fato, os elementos linguageiros estão imbricados e são moldados e (re)criados pela tecnologia. Nesse contexto de pesquisa, nosso intuito aqui é analisar como algumas formas de heterogeneidade, especialmente o discurso reportado no ambiente digital, passam a integrar os recursos de que os falantes dispõem para se comunicar e possibilitam a interação por meio de textos nesses ambientes. Para essa visada, valemo-nos, em particular, da reflexão de Benveniste (2006 [1974]) sobre o aparelho formal da enunciação.

Acreditamos que os recursos do ambiente digital apresentam consequências importantes para a própria enunciação, entendida “[...] como o ato de se propor como sujeito e de situar o *eu* no tempo e no espaço e, a partir disso, referir objetos e marcar pontos de vista” (Ciulla; Cortez; Silva; Pinto, 2024, p. 107). Devem ser, assim, consideradas as afordâncias ou potencialidades discursivas endêmi-

cas àquele ecossistema digital no qual as interações ocorrem.

O artigo compõe-se de mais quatro partes: exposição dos postulados teóricos; percurso metodológico; análise de tuítes; e considerações finais.

1 Fundamentação Teórica

Nossa fundamentação teórica divide-se entre três momentos. No primeiro momento, trazemos os estudos de Authier-Revuz (1990; 2001; 2004), quanto à representação do discurso outro e ao discurso reportado. No segundo momento, problematizamos a questão, a partir de Paveau (2014; 2021), que propõe diferentes tipos de discurso reportado em contexto digital. No terceiro momento, trazemos a teoria de Benveniste (2006 [1974]), para que possamos explicar de maneira mais aprofundada os aspectos enunciativos que estão em jogo nos diferentes tipos de discurso reportado. Passemos a eles.

1.1 Representação do discurso outro²

Ao desenvolver sua teoria, Authier-Revuz (1990; 2001; 2004; 2008) fundamenta-se principalmente em pressupostos da psicanálise freudo-lacaniana, do dialogismo de Bakhtin (1979) e dos postulados de Pêcheux (1975), para reafirmar que todo discurso está em diálogo com outro discurso. Para Authier-Revuz (1990), “nenhuma palavra é neutra, mas inevitavelmente carregada, ocupada, habitada, atravessada pelos discursos nos quais viveu sua existência socialmente sustentada” (Authier-Revuz, 1990, p. 26). Isto é, todo enunciado é habitado por outros discursos, em que está implicado um já-dito sobre o qual todo discurso se constrói. Assim, por dizer respeito aos próprios processos de constituição do discurso, a autora propõe o conceito de *heterogeneidade constitutiva* ou as *não coincidências do dizer*.

Authier-Revuz (1990) ainda considera, além da constitutiva, a heterogeneidade mostrada. A heterogeneidade mostrada diz respeito aos “processos de representação, em um discurso, de sua constituição” (Authier-Revuz, 1990, p. 32). Na heterogeneidade constitutiva, são consideradas as vozes do discurso no nível

2 Tendo em vista que os postulados de Authier-Revuz são fulcrais para a LT no que concerne à representação do discurso outro, em nosso estudo, expomos suas categorias, embora reconheçamos que, na análise, detemo-nos às de Paveau, a qual desenvolve categorias próprias para o discurso reportado com base nos pressupostos de Authier-Revuz.

do interdiscurso e do inconsciente, ao passo que, na heterogeneidade mostrada, são consideradas as vozes inscritas no discurso, através de modalidades diversas, de maneira explícita ou revelada por meio de lapsos de linguagem. A análise consiste em tentar recuperar essas vozes.

Como se pode observar, a heterogeneidade mostrada está em uma relação com a constitutiva. A heterogeneidade mostrada traz as “formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso.” (Authier-Revuz, 1990, p. 32).

Para a autora, ainda, a heterogeneidade pode ser marcada ou não marcada. As formas marcadas da heterogeneidade mostrada seriam as que podem ser recuperadas no nível do enunciado, a partir de marcas linguísticas que explicitam a presença de uma outra voz, como, por exemplo, através de formas autonômicas como “X, eu uso esta palavra se bem que” ou “ela faz o que eu chamo X”. Assim, alguns casos de heterogeneidade marcada citados por Authier-Revuz (1990) são as glosas, o discurso reportado e as aspas. As formas não marcadas, em que “não há uma fronteira linguística nítida entre a fala do locutor e a do outro” (Authier-Revuz, 1990, p. 32), seriam mais complexas, porque a heterogeneidade deveria ser reconstituída a partir de diferentes índices. São elas o discurso indireto livre, a ironia, a antífrase, a alusão, o pastiche, a imitação, as metáforas, os jogos de palavras, a reminiscência.

Porém, conforme observa Ciulla (2008), parece-nos difícil sustentar que haja formas não marcadas mais ou menos complexas, conforme diferentes graus de explicitude e inferência envolvidos na operação de reconstruir as lacunas. Em primeiro lugar, porque é impossível medir esses graus e eles dependem de cada interlocutor, de cada situação enunciativa, então não podem ser definidos de modo absoluto e nem *a priori*. Em segundo lugar, porque se a heterogeneidade é detectada e mostrada a partir de índices recuperáveis no discurso, conforme postula Authier-Revuz (1990), sempre há marcas. Preferimos diferenciar, então, desde Ciulla (2008), as heterogeneidades mostradas não como marcadas e não marcadas, mas como formas metaenunciativas ou não metaenunciativas - o que parece condizente com o que a própria Authier-Revuz (2001) apresenta, já que o seu foco são os comentários metaenunciativos.

Considerando esse pequeno deslocamento, propomos investigar como a teoria geral da representação do discurso outro se aplica ao ambiente digital. A questão, como mostraremos a seguir, é que o ambiente digital propicia – e até exige – modos de realizar e marcar a heterogeneidade que lhes são próprios. Mais

especificamente faremos observações sobre o papel dos elementos clicáveis (*hiperlinks*) e dos arrobas (@). Vale lembrar ainda que, desde Benveniste (2006 [1974]), forma e sentido andam juntos, em outras palavras, nossa hipótese é a de que essas diferentes marcas de heterogeneidades, nosso foco aqui, mudam também o modo como as interpretamos e, conseqüentemente, o modo de interação entre os falantes.

1.2 Discurso reportado em contexto digital

Entre os variados temas que concernem à análise de textos no ambiente digital e foram ainda pouco explorados está a representação do discurso outro. Para Paveau (2016), a coexistência de diferentes enunciadores em um único fio enunciativo no ambiente digital é um fenômeno diferenciado, conforme se pode ler em:

Essa coexistência no mesmo fio de várias situações de enunciação não é sinalizada pelos processos de mudança de enunciação, tal como são identificados no discurso off-line (processos de heterogeneidade enunciativa como o discurso reportado, a citação, a intertextualidade, a evocação, a alusão); pode-se, portanto, vê-lo como um fenômeno de heterogeneidade tecnoenunciativa (Paveau, 2016, p. 15, tradução nossa)³.

Além disso, investigar a representação do discurso outro em contexto digital, para a autora, é assumir que os diferentes enunciadores digitais são rastreáveis a partir de elementos marcadores de deslinearização, que é um

(...) traço específico do enunciado digital nativo e consiste na intervenção de elementos clicáveis no fio do discurso e dirigem o escritor de um fio-fonte para um fio-alvo, instaurando uma relação entre dois discursos (por exemplo, um hashtag, um link em um texto); essa relação é o produto de uma decisão do internauta-leitor, que ativa os elementos clicáveis (Paveau, 2021, tradução nossa)⁴.

3 No original: "Cette coexistence dans le même fil de plusieurs situations d'énonciation potentielles n'est pas toujours signalée par les procédés de changement énonciatif tels qu'ils sont identifiés dans le discours hors ligne (procédés d'hétérogénéité énonciative comme le discours rapporté, la citation, l'intertextualité, l'évocation, l'allusion); il peut donc être vu comme un phénomène d'hétérogénéité techno-énonciative."

4 No original: "La délinéarisation est un trait spécifique à l'énoncé numérique natif, consiste en l'intervention d'éléments cliquables dans le fil du discours, qui dirigent le lecteur-scripteur d'un fil-source vers un fil-cible, instaurant une relation entre deux discours (par ex. un hashtag, un lien dans un texte) ; cette

Como a autora explica, os marcadores de deslinearização são próprios do discurso digital, como o *hashtag*, por exemplo. Observamos que o *hashtag*, nome digital do símbolo # (popularmente conhecido como jogo da velha, em português do Brasil) tem outras funções no *off line*, que não a de deslinearização e nem a de marcar um tema, como no *Twitter (X)*. Assim, confirmamos que, de fato, vários recursos têm funções exclusivas do digital, como o *hashtag*, o hiperlink e o @, estes últimos analisados aqui.

Contudo, principalmente se não analisarmos a marcação de heterogeneidade sob um ponto de vista estritamente verbal, como tradicionalmente se faz em *corpora* pré-digitais, e considerarmos, conforme sugerimos anteriormente aqui, que as marcas de heterogeneidade podem ser identificadas por indícios diversos, mesmo no *off line*, veremos que não se trata exatamente de um novo fenômeno “tecnoenunciativo”. Considerando que elementos como o *hiperlink* e o @ aparecem no cotexto de enunciados digitais, com suas funções específicas, entre elas remeter a outros enunciados e/ou locutores, podemos afirmar que seguem o mesmo princípio geral da heterogeneidade enunciativa⁵ marcada. O que muda em relação ao *off line* e se acrescenta ao repertório da linguagem é que essas heterogeneidades são marcadas por formas que não têm a mesma função no pré-digital, possibilitando recriar textos e, portanto, sentidos diferentes.

E é neste ponto que se alicerça a importância desta investigação: no fato de que o ambiente digital e suas afordâncias criam diferentes possibilidades e limites para o texto e, conseqüentemente, criam diferentes possibilidades de sentidos e interações pela linguagem.

Ao investigar o discurso reportado no *Facebook*, Paveau (2014) propõe, ainda, três tipos de discurso reportado em contexto digital:

- (i) *discurso reportado direto integral*: quando o compartilhamento de um *post* citado, em sua totalidade, ocorre em um outro ecossistema por meio de um *post* citante;
- (ii) *discurso reportado resumidor*: quando o compartilhamento de um *post* citante apresenta o resumo do *post* citado por meio da URL (link); e
- (iii) *discurso reportado repetidor*: quando o discurso citado é copiado e compartilhado no discurso citante, por meio de um *post*.

relation est le produit d'une décision de l'internaute-lecteur, activant les éléments cliquables”.

5 Desde 2004, Authier-Revuz, para designar *heterogeneidade enunciativa*, vem usando o termo mais englobante *representação do discurso outro* – tradução em português da expressão em artigo publicado em 2015, na Revista Investigações, da UFPE. (Authier-Revuz; Costa-Silva; Cunha, 2015).

Esses tipos serão por nós considerados na análise.

1.3 Quadro enunciativo

Benveniste (2006 [1974]) chega ao postulado do aparelho formal da enunciação a fim de sumarizar a explicação de como as categorias da língua, no momento em que são empregadas por um locutor, são revestidas de sentido. Trata-se de um conjunto de mecanismos e de situações a partir dos quais a enunciação, na prática social, toma forma e sentido. A enunciação é a passagem da língua ao discurso (Benveniste, 1988), sendo que esse movimento ocorre por meio do aparelho formal da enunciação. Há, nesse movimento também, elementos da língua que relacionam o enunciado ao próprio acontecimento enunciativo, levando em consideração o *eu-aqui-agora* desse enunciado. Uma dessas relações, das mais importantes, é que o sujeito, enquanto o *eu* do discurso, institui o outro, o *tu* do discurso. Ao fazer isso, o locutor adiciona

uma série de outros procedimentos que permitem estabelecer pragmaticamente os seus enunciados (como pergunta, ordem, dúvida, afirmação etc.), que permitem articular a referência aos objetos de discurso de certa maneira e sob diferenciados pontos de vista e que também ajudam a atribuir um certo viés argumentativo àquilo que diz (Ciulla; Pinto; Silva; Cortez, 2024, p. 109).

Esses dois sujeitos do ato enunciativo trocam papéis, conferindo à enunciação um caráter intersubjetivo. O aparelho formal foi pensado para dar conta de como o sujeito converte a língua em discurso, e vai se adaptando para realizar o discurso, quer o texto seja escrito, falado, pré-digital ou não. Em outras palavras, o conceito de aparelho formal da enunciação está na arquitetura de qualquer discurso humano. Por isso, entre as categorias do digital, encontraremos necessariamente aquelas que suprem papeis de *eu/tu-aqui-agora*, de se reportar ao discurso do outro ou ao seu próprio e, ainda, estabelecer se é pergunta, dúvida, ironia etc.

Defendemos, então, que, em contexto digital, o quadro enunciativo de Benveniste (2006 [1974]) permanece, pois é imprescindível à realização do discurso e, portanto, ao exercício da linguagem. São as possibilidades de expressão e interação que mudam e se acrescem, modificando as formas e limites textuais. Reforçando essa ideia, Ciulla, Cortez, Silva e Pinto (2024, p. 111) ressaltam a “necessidade de que todos e cada um dos falantes têm de se propor como sujeitos para

o exercício da linguagem, ao falar aos outros, sobre as coisas, e de que isso é feito na própria linguagem, por meio de categorias específicas". Por fim, ressaltamos aqui que essas mudanças e categorias específicas têm uma implicação no texto, como concluíram também Ciulla, Cortez, Silva e Pinto (2024) e veremos nas análises deste trabalho.

Apresentados os princípios mínimos e pressupostos de nosso arcabouço teórico, passamos ao percurso metodológico deste estudo.

2 Metodologia

Esta seção dedica-se ao detalhamento dos procedimentos metodológicos adotados para a execução de nossa investigação. Para tanto, assumimos, aqui, uma abordagem qualitativa (Creswell, 2010). Para Creswell (2010), a pesquisa qualitativa visa investigar um fenômeno específico em profundidade, com alto nível de detalhes. Com esse fim, consideramos como unidade a ser estudada os tuítes que compõem os dados gerados por nós, como um todo, a partir de uma minuciosa análise. Os tuítes selecionados constituem o conjunto de dados a serem examinados.

Considerando que nossa pesquisa se propõe a investigar o discurso reportado no ecossistema *Twitter* em uma perspectiva enunciativa - as diferentes vozes em cada fio enunciativo de cada tuíte e como se manifestam -, chamamos os enunciadores digitais de Ed1 e de Ed2. Consideramos o Ed1, o enunciador digital primeiro, o tuíteiro, que, antes do ato da enunciação, consoante Paveau (2016; 2021), é denominado locutor. Pela mesma razão, chamamos de Ed2 o enunciador digital segundo: o outro trazido no tuíte pelo elemento da deslinearização. Mais precisamente, Ed2 são os enunciadores digitais citados no tuíte por meio do link, os quais podem ser acessados/encontrados no ambiente digital a partir do clique.

Dado o vasto fluxo de publicação no *Twitter*, procuramos dar conta de um instante discursivo, consoante Moirand (2020). O conceito diz respeito ao tratamento da extensão de *corpora* em ambiente digital, permitindo que o analista possa realizar seu estudo a partir do que ela denomina "pequenos *corpora*". Para Moirand (2020, p. 21), os pequenos *corpora* "possibilitam descrever as formas discursivas, raras ou não estabilizadas ainda, [...] bem como as relações entre a linguagem verbal e o mundo (o ambiente, os objetos, os atores e suas ações)".

Ao desenvolver a noção de pequeno *corpus*, Moirand (2020) postulou ainda três conceitos, visando dar conta da atualidade de um acontecimento na *Web*. O pequeno *corpus* permite sequenciar determinada produção discursiva em três

instâncias: (i) acontecimento discursivo; (ii) momento discursivo; e (iii) instante discursivo. Tais instâncias possibilitam, conforme a pesquisadora, um recorte de *corpus* coerente.

Neste estudo, o acontecimento discursivo refere-se à temática ampla da política, ao passo que o momento discursivo concerne ao tuíte que possui o uso específico da *hashtag* #OPINIÃO. Por fim, o instante discursivo consiste no tuíte gerado para análise, os quais contêm a *hashtag* supracitada.

O *corpus* desta pesquisa compõe-se de um tuíte realizado no dia 04 de abril de 2024, às 10h, pelo usuário @folha, com o nome da conta Folha de S. Paulo. No caso desta pesquisa, o dado foi gerado por meio do computador de Glück, no dia 05 de abril de 2025, em sua conta pessoal (@edugluck).

Com base na proposta de Glück (2024), a análise do tuíte gerado consistiu nas seguintes etapas: (i) descrição dos tuítes dos dados gerados, a partir do ecossistema digital em que estão inseridos, o *Twitter* (X); (ii) observância da incidência de elemento clicável a partir da deslinearização enunciativa (Paveau, 2016; 2021), bem como para qual enunciador digital esse(s) elemento(s) remete(m) o escrileitor⁶; (iii) identificação dos recursos e elementos languageiros, levando em conta as categorias de discurso reportado em contexto digital desenvolvidas por Paveau (2014; 2021) e, posteriormente, aplicadas por Glück (2024); e (iv) conclusões a partir do que observamos, examinando como a forma de trazer o outro em contexto digital passa a integrar o aparelho formal da enunciação e possibilita a interação pelos textos nos ambientes digitais.

Findadas as etapas metodológicas, passamos às análises dos dados gerados para esta pesquisa.

3 Reflexões analíticas sobre o dado gerado

Nesta primeira etapa de análise, descrevemos o tuíte no ecossistema em que ele foi produzido. A postagem foi realizada no dia 04 de abril de 2024, às 10h, pelo usuário @folha, com o nome da conta Folha de S. Paulo.

6 Conforme Paveau (2016), a noção de escrileitor origina-se do poder que o leitor hipertextual tem de decidir entre clicar na(s) hiperligação(ões) presente(s) ao longo do texto, tornando-se, segundo a linguista, tanto o leitor quanto o (novo) escritor desse texto. Embora para a nossa abordagem em linguística textual o leitor/interlocutor é considerado sempre participante da reconstrução do texto, por isso falamos em coconstrução de sentidos (cf. Cavalcante *et al.* 2022), manteremos o termo *escrileitor*, neste trabalho, para enfatizar essa característica fundamental da interação pelo texto, evidenciada no ambiente digital.

A Figura 1 exibe o tuíte no ecossistema em que se insere.

Figura 1 – Tuíte em análise



Fonte: Captura de tela do tuíte de @folha (2024).

Conforme é possível constatar na Figura 1, o tuíte aborda uma defesa ao “palavrório de Gilmar”⁷, que consta nos comentários e opiniões do Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Gilmar Mendes. Trata-se, na verdade, de um tuíte-resposta a um outro tuíte feito pela própria Folha de São Paulo, na aba editorial “O que a Folha Pensa”⁸.

A hashtag #OPINIÃO é uma coluna da Folha de São Paulo (FSP) *on line*, com o intuito de expressar diretamente de que pensa o colunista, e não a própria FSP.

No tuíte, aparecem a foto do usuário, o perfil @folha, o nome de sua conta e seu *username*, bem como o horário de postagem. Logo abaixo, há um breve texto verbal, iniciado pela hashtag #OPINIÃO.

Além disso, no tuíte, há a marcação de um outro usuário do Twitter, com o *username* @LenioStreck. Trata-se da conta pessoal do advogado⁹ em questão,

7 Matéria na íntegra disponível em: <https://www.conjur.com.br/2024-abr-05/o-que-nao-esta-dito-sobre-o-palavrorio-de-gilmar/>. Acesso em: 05 abril 2024.

8 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2024/04/o-que-nao-esta-dito-sobre-o-palavrorio-de-gilmar.shtml>. Acesso em: 05 abril 2024.

9 Em relação ao enunciador digital 2, Lenio Luiz Streck é Mestre e Doutor em Direito pela Universidade

Lenio Luiz Streck. Por fim, visualizamos uma imagem do ministro do STF, Gilmar Mendes, em sua cadeira do Superior Tribunal, vestido com a toga característica dos ministros.

Na segunda etapa de análise, constatamos a incidência de um elemento clicável responsável por uma deslinearização enunciativa (Paveau, 2021), indicada por um enunciador digital. O *hiperlink* (a sua clicabilidade) é o responsável por remeter o escreitor a um discurso outro, que, neste caso, se configura como a imagem clicável contida no tuíte.

Na deslinearização enunciativa, o Ed1, enunciador digital do tuíte, denomina-se @folha. Como informa em sua biografia, trata-se de um jornal em defesa da energia limpa¹⁰. Por sua vez, o Ed2, enunciador digital citado por meio do *hiperlink* disponível no tuíte, denomina-se @LenioStreck, conforme o apresentamos anteriormente. Na Figura 2, a seguir, apresentamos uma captura de tela, cujo conteúdo permite visualizar essa enunciação segunda.

Figura 2 – Enunciador digital 2 do tuíte em análise



Fonte: Captura de tela de Streck (2024).

Nesse tuíte, por intermédio do *hiperlink*, a matéria do referido advogado, publicada no dia 04 de abril de 2024, às 22h, foi inserida no fio enunciativo do tuíte fonte. Além disso, ao clicar no *hiperlink* do texto fonte, o leitor-usuário, transfor-

Federal de Santa Catarina. Pós-doutor pela Universidade de Lisboa. Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Direito (Mestrado e Doutorado) da UNISINOS, na área de concentração em Direito Público. Professor permanente e pesquisador da UNESA-RJ, Professor visitante da Universidade Javeriana. Também é colunista da Folha de São Paulo. Informações disponíveis em: <https://www.escavador.com/sobre/1135536/lenio-luiz-streck>. Acesso em: 05 abril 2024.

¹⁰ Informações disponíveis em: https://twitter.com/folha?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor. Acesso em: 05 abril 2024.

mando-se em um escreitor, deixa o fio enunciativo de Ed1 e entra no fio de Ed2. No caso específico desse tuíte, o escreitor deixaria o *Twitter* e seria remetido ao ecossistema da Folha de São Paulo.

Em vista disso, essa deslinearização, conforme já defendeu Glück (2024), dá origem a um tipo de heterogeneidade enunciativa mostrada em contexto digital, uma vez que ela conecta duas situações de enunciação (e seus respectivos enunciadores digitais), inserindo uma voz em um mesmo fio enunciativo (nesse caso, o tuíte). Ocorre também o que Paveau (2021) chama de embutimento de dados, pois, quando um conteúdo é compartilhado, ele carrega outros elementos consigo; ou seja, além do texto, há também *hiperlinks*, imagens, comentários, metadados etc. O recurso de *hiperlink* é uma possibilidade, portanto, de a heterogeneidade se mostrar no ambiente digital e, ainda, de remeter a outros dados, desencadeando novas informações e textos.

Na terceira etapa de análise, propomo-nos identificar os recursos e elementos utilizados pelo Ed1. Para isso, focamos nos tipos de discurso reportado em contexto digital (Paveau, 2021).

No que concerne à tipologia desse discurso reportado, conforme detalhada por Paveau (2021) e mencionada anteriormente, o caso analisado aqui pode caracterizar-se como um discurso reportado integral, pois se trata de uma remissão que é feita em uma rede social, no caso o *Twitter* (X), por meio de um *post*, para um texto, em sua totalidade, de outro ecossistema digital, no caso o jornal Folha de São Paulo *on line*. De acordo com Paveau (2021, p. 319), pode tratar-se, ainda, “de um compartilhamento com ou sem ampliação por um comentário”. No caso do tuíte em análise, há um breve comentário constituído por um texto verbal e, logo abaixo, o compartilhamento integral do discurso outro. Vejamos novamente essa ocorrência, na Figura 3.

Figura 3 - Discurso reportado integral do tuíte em análise

Fonte: Captura de tela do tuíte de @folha (2024).

Como mostramos na Figura 3, averiguamos o compartilhamento integral de um outro tuíte, publicado pelo enunciador segundo (@LenioStreck). Mediante o clique, o escreiteiro é levado ao discurso do outro. Além disso, no final do texto, Ed1 também marca enunciativamente Ed2, a partir da menção de sua conta no Twitter. Nesse caso, @folha marcou @LenioStreck. Com esse traço, que é mais um atributo endêmico ao discurso digital, o locutor tem a possibilidade de trazer ao seu discurso aquele que cita mediante o clique. Destacamos duas características aqui, próprias do ecossistema *Twitter*. A primeira é o fato de que um locutor pode encaminhar o escreiteiro não apenas ao autor/locutor de um tuíte, mas também ao texto todo deste tuíte, configurando, assim, um discurso reportado integral. A outra característica é que o @ estabelece os participantes da situação enunciativa, isto é, quem pode enunciar e, portanto, assumir-se como eu e convocar um (ou mais) *tu*.

Na quarta e última etapa de análise, realizamos a relação dos resultados obtidos, examinando (i) como o tipo de discurso reportado encontrado difere daqueles do ambiente off line e (ii) como a forma de trazer o outro em contexto digital passa a integrar o aparelho formal da enunciação e possibilita a interação pelos textos nos ambientes digitais.

Identificamos que, no exemplo da análise, assim como observa também Glück (2024), há elementos que diferenciam os tuítes em relação aos tipos de discurso reportado *off line*. Isso ocorre porque o outro é inserido no tuíte com o uso dos *hiperlinks*, que, com sua característica clicável, aciona a remissão, tanto convocando e permitindo que o citado passe a participante da interação quan-

to fazendo aparecer o perfil do usuário/interlocutor e/ou o texto e/ou qualquer dado que esteja associado àquele *link*. Essa constatação reforça a afirmação de Giering e Pinto (2021, p. 44) de que “a Linguística Textual (LT) necessita considerar que o texto nativo digital é um objeto tecnolinguageiro, manipulável e dinâmico”. Ou seja, os textos digitais nativos se coconstituem de linguagem e tecnologia informática e essa incorporação da tecnologia complexifica as interações e, conseqüentemente, o texto. Neste trabalho vamos além e mostramos alguns aspectos dessa complexificação. A partir da análise aqui exposta, notamos que o aparelho formal da língua incorpora os recursos tecnológicos para dar conta de funções enunciativas e textuais. Algumas dessas funções não existem no pré-digital, como o convocar o outro via @ + nome do perfil do usuário, que realiza um desdobramento enunciativo duplo, dando a palavra ao usuário e permitindo que ele, para usar o termo benvenistiano, correferencie (enuncie em resposta ao enunciador primeiro).

Esse recurso tem, de fato, múltiplas funções: quando o enunciador primeiro (*eu*) convoca o enunciador segundo (*tu*), ao mesmo tempo em que institui o seu interlocutor, ele também o nomeia. Assim, no nosso exemplo, quando @folha convoca @LenioStreck, o eu enunciado por @folha e o tu instituído como @LenioStreck cumprem as funções: a) de pessoa e, portanto, participante da situação enunciativa – o que significa poder tomar a palavra e trocar turnos, b) de identificação dos indivíduos que assumem os papéis de *eu* e *tu*, através de um nome e c) de tornar a postagem visível aos seguidores do usuário que foi marcado. Todos esses aspectos enunciativos, possibilitados pelo ambiente digital, evidenciam ainda mais a característica de reformulação constante que todo o texto sofre na interação.

Ainda sobre o @, Martins (2024) sugere que este recurso tem um papel dêitico, constituindo-se como um *tu*, justamente por cumprir com o papel de engajar o outro na situação comunicativa. Aqui salientamos, contudo, que o @ não desempenha exatamente a mesma função de *tu* ou apenas a função dêitica, já que, diferente das categorias de pessoa, ele não pode ser assumido por todo e qualquer falante/usuário: ele precisa do identificador de usuário, que equivale ao nome do indivíduo no mundo digital. Ou seja, diferente da categoria de pessoa *tu*, que refere qualquer interlocutor de um *eu*, @LenioStreck somente pode referir o indivíduo que assume o referido nome (ou *username*, no caso da rede social digital). Os nomes, como sabemos, são signos que cumprem papel de não

pessoa, ou seja, *do que* ou de *quem se fala*, e não *quem fala*¹¹.

Podemos dizer, então, que, com o @, estamos diante de um perfil híbrido, entre diferentes funções de pessoa e não pessoa, a partir de recursos específicos do ambiente digital. Este é um exemplo de como o aparelho formal de enunciação vai incorporando formas para o seu funcionamento na interação digital. Vale reforçar também que esse mecanismo não escapa ao princípio da relação entre forma e sentido, conforme a reflexão de Benveniste (2006 [1974]), por isso, com a incorporação de formas, também os sentidos vão sendo (re)criados e possibilitados.

Por isso, também, é preciso redimensionar as relações entre enunciação e texto, verificando as implicações de sentido e de composição dos textos que são orquestradas por vários enunciadores na interação digital. E lembramos que essa composicionalidade dos textos é construída por linguagem multissemiótica, o que inclui a tecnologia digital, sempre na interação entre os participantes.

Considerações finais

Neste estudo, observamos, em primeiro lugar, que a representação do discurso outro pode ter diferentes modos de marcação no ambiente digital, como o caso dos *hiperlinks*. Além disso, mostramos como a forma de enunciar, instaurando o *eu* e o *tu* da enunciação, através de @ apresenta uma espécie de função híbrida entre pessoa e não pessoa.

Quanto ao discurso reportado, percebemos que, no ambiente digital do *Twitter* (X), é possível, através de um tuíte, que o locutor encaminhe o escreiteiro/interlocutor não apenas ao locutor de um tuíte, mas também ao texto todo deste tuíte, configurando, assim, um *discurso reportado integral*. Outro resultado importante de nossa análise é a observação de que o @ estabelece os participantes da situação enunciativa, isto é, quem pode enunciar e, portanto, assumir-se como *eu* e convocar um (ou mais) *tu*.

Identificamos que, no que diz respeito ao aparelho formal da enunciação, no ambiente digital, há formas específicas de realizar a alocução. O *eu* e o *tu* encontram representação em recursos como o @ e *hiperlinks*. Além disso, dadas

11 Lembrando que duas das principais características das marcas de pessoa *eu* e *tu* é que 1) todo e qualquer falante pode ser *eu* ou *tu* e 2) *eu* e *tu* são inversíveis, coisa que não acontece com os @, que é sempre seguido de um *username* individual e único, pois eles são a identificação particular de cada usuário.

as afordâncias e as potencialidades discursivas proporcionadas pelo ecossistema *Twitter (X)* em análise, outras funções de sentido se realizam, em uma espécie de fusão das categorias de pessoa e não pessoa. Essa fusão ou hibridismo, por envolver a questão da dêixis e da referência, merece um estudo futuro mais aprofundado ainda não explorado e que abre ainda mais discussões acerca desse fenômeno.

Por fim, acreditamos que não apenas os recursos de @ e *hiperlink*, mas muitos outros elementos podem render estudos das possibilidades inerentes ao ecossistema digital, e não apenas do *Twitter*, mas de todos os outros aplicativos e plataformas. Esses estudos contribuem para compreender o fenômeno da textualidade – não apenas no ambiente digital, mas de modo geral - e das evoluções das interações pelo texto.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade enunciativa. **Cadernos de estudos linguísticos**. Campinas, v. 19, p. 25-42, 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824>. Acesso em: 20 nov. 2024.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Trad. Mônica ZoppiFontana et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.
- AUTHIER-REVUZ, J. O estrato meta-enunciativo, lugar de inscrição do sujeito em seu dizer: implicações teóricas e descritivas de uma abordagem literal. O exemplo das modalidades irrealizantes do dizer. Trad. Maria Cristina Batalha. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 22, p. 33-63, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27906/0>. Acesso em: 18 jul. 2023.
- AUTHIER-REVUZ, J.; COSTA-SILVA, H.; CUNHA, D. C. A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. **Revista Investigações**, Vol. 28, nº Especial, dezembro de 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/1846/1460>. Acesso em: 21 fev. 2025.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1979. p. 277-326.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005 [1966].
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1988.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006 [1974].

CAVALCANTE, M.; BRITO, M. A. P. **Linguística Textual**: Conceitos e Aplicações. Campinas: Pontes Editores, 2022.

CIULLA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas**: o universo literário dos contos. 2008. 201 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística. Fortaleza, Ceará, 2008.

CIULLA, A.; SILVA, A. A. da; PINTO, R. Ampliação enunciativa em comentários de webnotícia: uma releitura de Paveau à luz dos estudos enunciativos benvenistiano. **Revista Investigações**, Recife, v. 35, p. 1-31, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2175-294x.2022.254392>. Acesso em: 20 nov. 2024.

CIULLA, A.; SILVA, A. A. da; PINTO, R.; CORTEZ, S. L. Textualidade digital e enunciação: os comentários de webnotícias. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 105-127, 2024. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v37i1p105-127. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/213248>. Acesso em: 7 ago. 2024.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GIERING, M. E; PINTO, R. O discurso digital nativo e a noção de textualidade: novos desafios para a Linguística Textual. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 15, n. 31, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/cl.v15i31.35655>. Acesso em: 05 jun. 2023.

GLÜCK, E. P. **A heterogeneidade tecnoenunciativa em um conjunto de tuítes reunidos pela hashtag #divulgaçãoocientífica**. 2024. 176 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação Doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/13014?show=full>. Acesso em: 29 de maio 2025.

MARTINS, M. A. **Tecnotextualidade e campo dêitico digital**: análise de aspectos interacionais e enunciativos. 2024. 161 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/76875>. Acesso em: 20 nov. 2024.

MOIRAND, S. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. Trad. Fernando Curtti Gibin & Julia Lourenço Costa. **Revista Linguagem**, São Carlos, v.36, Dossiê Metodologias de Pesquisa em Ciências da Linguagem, jul./dez. 2020, p. 20-41. Disponível em: <https://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/826>. Acesso em: 21 mar. 2021.

PAVEAU, M. Dictionnaire Technodiscours rapporté. **Technologies discursives**, 2014. Disponível em: <https://technodiscours.hypotheses.org/606>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PAVEAU, M. Des discours et des liens. Hypertextualité, technodiscursivité, écrilecture. **Sêmen**, [S.l.], n. 42, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/semen.10609>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PAVEAU, M. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Tradução e organização Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. 1 ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2021.

PÊCHEUX, M. Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours. **Langages**, Paris, n. 37, 1975, p.7-80.

Sobre o autor e autora

Eduardo Pará Glück - Doutor em Linguística Aplicada (UNISINOS). Professor da Especialização em Docência Contemporânea na Educação Básica na Universidade do Vale do Taquari (Univates). E-mail: eduardogluck@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3005369308838491>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-5032-9582>.

Alena Ciulla - Doutora em Linguística (UFC). Professora adjunta do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-graduação em Letras, no Instituto de Letras da UFRGS. E-mail: alenacs@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2180994390225145>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-0710-9397>.